



**Revista Eletrônica Pindorama do Instituto Federal da Bahia – IFBA – Brasil**  
Nº 02 – Ano III – junho/2012 – [www.revistapindorama.ifba.edu.br](http://www.revistapindorama.ifba.edu.br)  
ISSN: 2179-2984

## **Sobre a Importância da Historiografia Literária Brasileira na Educação Universitária**

**Prof. Dr. Flávio Leal**  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
UFVJM – Minas Gerais – Brasil  
[flavioleal@ufvjm.edu.br](mailto:flavioleal@ufvjm.edu.br)

**Para Ricardo e Nathália,  
grandes e eternos amigos.**

**Resumo:** “Sobre a Importância da Historiografia Literária Brasileira na Educação Universitária” discute a relevância da Historiografia Literária Brasileira, como obras educacionais e pedagógicas, utilizadas como manuais difusores do ensino da cultura literária, tendo como pressuposto sua relação com o sistema educativo universitário brasileiro, leitor dessas obras, na formação de educadores literários, em um sistema articulado integrado.

**Palavras-chave:** Historiografia Literária; Estudos Literários; Educação Universitária.

**Abstract:** "About the importance of Brazilian Literary Historiography in university education" discusses the relevance of Brazilian Literary Historiography, as educational and pedagogical works, used as manuals diffusers of the teaching of literary culture, having assumed their relationship with the Brazilian University education system, reader of these works, in the training of educators, in an articulated and integrated literary system.

**Keywords:** Literary Historiography; Literary Studies; University Education.

Entendo por *humanização* (...) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

Prof. Dr. Antonio Candido (“Direito à Literatura” In: *Vários Escritos*)

A história da literatura é uma tarefa sempre em andamento, cabendo a cada geração refazê-la e completá-la  
Prof. Dr. Afrânio Coutinho (“Introdução” In: *A Literatura no Brasil*)

## 1 Apresentação: Debate Inicial

Sofrendo uma “propalada falência” nos Estudos Literários, a historiografia literária, no decorrer de seu desenvolvimento disciplinar, perdeu o lugar de prestígio social e cultural, quando era lida e debatida pela sociedade da época, alcançado no século XIX, passando a ocupar um espaço estritamente educacional e pedagógico<sup>1</sup>, no decorrer do século XX e XXI, com as criações das universidades brasileiras, cujos cursos de Letras (formadores de professores da área) utilizam estas obras como bases para o ensino e formação de pesquisadores e docentes de Estudos Literários. Mesmo quando alguns professores relutam em utilizá-las, em sala de aula, as ementas e os conteúdos das disciplinas de Literatura Brasileira configuram-se de maneira, tradicionalmente, historiográfica, sendo o processo de ensino-aprendizagem dividido e organizado, nos seus projetos pedagógicos, a partir de modelares manuais da tradição dos estudos literários (p. ex: Romero – 1888; Veríssimo – 1916; Coutinho – 1955; Candido – 1959; Bosi – 1970; Castello - 1999), reproduzindo condutas e abordagens, inevitavelmente, também historiográficas sobre a Literatura Brasileira.

---

<sup>1</sup> Nesta delimitação educacional, conferir as discussões do historiador Otto Maria Carpeaux (CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1959, V. I.). Em relação às obras historiográficas educacionais brasileiras, no século XIX, o Professor Dr. Roberto Acízelo de Souza debruçou-se sobre a história curricular do ensino de Literatura (História da Literatura nacional, portuguesa, brasileira, geral, história literária, literatura geral, Poética e Retórica), do tradicional e modelar Colégio Pedro II, em seu capítulo chamado “Ao raiar da literatura brasileira”, a fim de analisar a “sua institucionalização no século XIX”, por intermédio dos programas e materiais didáticos curriculares, especificamente, mencionados e datados entre (1850 - 1900). Conf.: SOUZA, Roberto Acízelo de. *Introdução à Historiografia da Literatura Brasileira*. RJ: Eduerj, 2007.p. 13 - 28. Também, a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marisa Lajolo afirma que “A aliança escola / história literária manifesta-se, por exemplo, no expressivo número de obras que incluem, em seu título, a expressão ‘compêndio’ ou ‘manual’”. (LAJOLO, Marisa. “Literatura e História da Literatura: senhoras muito intrigantes”. In: MALLARD, Letícia *et alli*. *História da literatura: ensaios*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995. p. 28).

Sendo assim, as Histórias Literárias Brasileiras ocupam, na segunda metade do século XX e XXI, a partir de seus específicos leitores acadêmicos universitários, razão de sua existência, produção e recepção leitora, um espaço particular na difusão, educação e formação de futuros educadores literários. Os parâmetros e debates sobre suas vindouras criações e utilizações devem, desta maneira, responder aos seus critérios funcionais educacionais, ou seja, a historiografia literária deve ser reconhecida como uma produção estritamente pedagógica e como tal suas formulações devem ter parâmetros também educacionais. Ao contrário do critério nacionalista do século XIX e metade inicial do XX, formador dos textos canônicos, a historiografia literária deve discutir novos critérios para sua constituição, uso e difusão, que sejam voltados para a Educação Literária, respeitando e observando os seus leitores acadêmicos e suas necessidades do processo de ensino-aprendizagem, na formação universitária. Como afirma Letícia Mallard, “uma das funções primordiais de uma história literária é atender ao público estudantil em suas necessidades didáticas, na condição de fonte informativa e consultiva (...)”.<sup>2</sup>

Observa-se nesta perspectiva o processo formativo das historiografias literárias brasileiras, no decorrer de sua tradição, vinculando-as aos docentes / intelectuais e às criações de centros e universidades brasileiras especializadas, apresentadas como núcleos irradiadores dos modelos teóricos, temáticos e metodológicos da historiografia literária.

O permanente processo formativo dinâmico das obras historiográficas literárias brasileiras deve ser percebido como um aspecto inerente à sua constituição, porque se relaciona com as perspectivas culturais sócio-pedagógicas e as criações dos ambientes formais de saber (centros, institutos, escolas e universidades), no caso brasileiro, que estão e continuarão sempre em processo de (re)construção e reflexão contínua. Desta maneira, tomar esta tradição da Historiografia Literária Brasileira como construída e estabelecida seria reconhecer que a educação das letras, dos estudos literários, também estaria, afinal, finalizada e enrijecida. Sendo assim, nesta perspectiva

---

<sup>2</sup> MALLARD, Letícia. “Nelson Werneck Sodré: a ruptura e o Reflexo”. In: MALLARD, Letícia *et alli*. *História da Literatura: ensaios*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1995. p. 66.

formativa, percebendo o processo de ensino dos estudos literários (Literatura Brasileira), o caminho para a estruturação adequada da educação literária é construído por meio de um legível cenário de compreensão histórica da literatura, ou seja, no âmbito da historiografia da literatura brasileira, em constante reflexão.

A fim de esclarecer e nortear esta descrição formativa, toma-se a concepção de “sistema” da Literatura Brasileira, desenvolvida pelo Prof. Dr. Antonio Candido, na sua obra *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*, em 1959. Este ensaio crítico esboça uma distinção entre um possível e integrado Sistema Historiográfico da Literatura Brasileira dinâmico, organizado a partir das publicações de obras educacionais sobre o passado/patrimônio literário nacional, “sistema vivo de obras [historiográficas], agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a”, e outras manifestações historiográficas isoladas, “esparsas e sem ressonância”, que não contribuíram para formação de uma tradição ou reflexão/revisão contínua da historiografia literária, nas academias secundárias e universitárias do Brasil, ambientes das leituras que se realizam.

Na configuração dessa tradição (prosseguimento) deste Sistema Historiográfico da Literatura Brasileira dinâmico, tomada como sempre numa perspectiva de confronto, reflexão, revisão e/ou debate pelos historiadores subseqüentes às obras criadas, a continuidade entre as histórias da literatura brasileira construídas, em um processo sistêmico dinâmico formativo, é percebida na construção e inter-relação de uma tríade dinâmica e coesa, constituída pelos elementos básicos:

- 01 - Historiadores Literários/Professores;
- 02 - Obras educacionais/Histórias da Literatura Brasileira;
- 03 - Público Leitor/Sistema Educacional Brasileiro.

Aspectos estes que se encontram em um movimento *interagente*, dinâmico e formativo. Propõe, em sua trajetória analítica, esta perspectiva educacional, intertextual e sistêmica, que embasa a construção desta narrativa sobre as obras historiográficas literárias, conjugando-a com a formação do

sistema educacional formal no Brasil, geradoras de leitores destas obras historiográficas literárias.

Neste processo formativo constante do Sistema Historiográfico da Literatura Brasileira, parte-se de alguns enfoques necessários para a sua constituição e esboço:

01 - Historiadores que são sempre percebidos como Educadores / Intelectuais, inseridos em contextos e ambientes sócio-educacionais de seu tempo;

02 - Histórias da Literatura Brasileira, observadas enquanto obras direcionadas ao ensino de estudos literários, postas, analisadas e apreendidas em um processo formativo dinâmico, em constante reflexão, na constituição de um patrimônio literário-cultural;

03 - Públicos leitores destas Histórias da Literatura Brasileira, oriundos do Sistema Educacional Brasileiro, percebidos nesta narrativa a partir das criações de ambientes educacionais no Brasil, no decorrer dos séculos XIX (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB e Colégio Pedro II<sup>3</sup>) e do século XX (universidades brasileiras: UFRJ - 1920, USP - 1934 etc.), na História da Educação Nacional.

Assim, os públicos leitores destas Histórias da Literatura Brasileira deverão ser percebidos, por intermédio da formulação histórica do Sistema Educacional Brasileiro, ou seja, observados a partir das criações de ambientes educacionais no Brasil. Desta maneira, a existência deste público leitor compõe a tríade dinâmica formativa, sendo percebida a partir das criações dos ambientes educacionais leitores, descritos e analisados, na História da Educação do Brasil. Esta tríade descritiva e orientadora, em constante interação dinâmica e histórica, fundamenta a configuração do processo formativo da historiografia literária brasileira e a sua compreensão.

Perceber a formação da Historiografia da Literatura Brasileira, em uma reflexão crítica, é tomá-la como um “fenômeno cultural” e de Educação, realizado por Educadores - Historiadores, em ambientes educacionais, para educandos - leitores, que se orientam por análises ou narrativas literárias,

---

<sup>3</sup> SOUZA, Roberto Acízelo de. *Introdução à Historiografia da Literatura Brasileira*. RJ: Eduerj, 2007.p. 13 - 28.

históricas e estéticas, procedentes da historiografia literária, no processo de ensino-aprendizagem, em constante construção. Portanto, estes debates futuros deverão, nos “rastros dos rastreadores”, debruçar-se sobre a configuração orgânica e dinâmica da historiografia sobre a Literatura Brasileira, percebendo a tríade dinâmica e orgânica que se constitui (Autores/Historiadores/Professores; Obras/Histórias da Literatura; Públicos Leitores/Sistema Educacional), na construção desse possível sistema, por meio das elaborações das histórias literárias brasileiras que, no ambiente escolar acadêmico e social, são obras responsáveis pelo ensino e difusão dos estudos literários brasileiros.

Enfim, uma tentativa desta discussão é perceber que, lecionada e difundida, inicialmente, pelas Histórias Literárias, a literatura é por natureza *humanizadora*, logo fornece tanto a fruição estética, mas também promove o exercício da reflexão, o “nervo da vida”: a *contradição na aventura do espírito*. Esta leitura *humanizadora* é compreendida como um “Direito à Literatura”, sendo a Historiografia Literária Brasileira um meio para a iniciação dos educandos - leitores no universo literário. A educação literária não deve ser jamais concebida como um ambiente de propagação das idéias enrijecidas ou da educação moral e cívica do Estado, uma vez que a “humanização” literária é entendida como

o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, a afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> CANDIDO, Antonio. “Direito à Literatura”. In: *Idem. Vários Escritos*. 3<sup>a</sup>. ed. (Revista e Ampliada). São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995. p.249

## **2 Sobre a Importância da História da Literatura na Educação Universitária**

Como adequada defesa das historiografias literárias brasileiras, inseridas em nossa tradição educacional (História da Educação Brasileira), a discussão sobre Sistema Educacional & Estudos Literários poderá descrever a configuração de um possível Sistema Historiográfico da Literatura Brasileira, percebendo a abordagem do fenômeno literário, na construção das obras de História da Literatura criadas e lecionadas, em centros de ensino no Brasil, amparando-se em uma tríade sistêmica deste processo formativo, composta pelos elementos:

- 01 - Historiadores Literários / Professores;
- 02 - Obras educacionais / Histórias da Literatura Brasileira;
- 03 - Público Leitor / Sistema Educacional Brasileiro.

Esta tríade descritiva e norteadora, em constante interação dinâmica, histórica, cultural e educacional, fundamenta a configuração do processo formativo da historiografia literária brasileira e a sua compreensão, tentando sempre ressaltar a importância das obras da historiografia literária, na Educação das Letras brasileiras.

Este permanente processo formativo da tradição da historiografia literária brasileira é percebido como um aspecto inerente à sua constituição, porque esta construção contínua correlaciona-se com as perspectivas sócio-educacionais e com as criações dos centros de saber, no sistema de ensino brasileiro, que estão e continuarão sempre em processo de reflexão e mutação constante, mas também se conjuga com as modificações artísticas, sociais e culturais que ocorrem, na sociedade brasileira. Sendo assim, perceber a disciplina como construída e concluída seria reconhecer que a educação das letras, dos estudos literários, também estaria finda e enrijecida.

Observa-se, a partir desta perspectiva pedagógica, a importância dos livros de Histórias da Literatura Brasileira para o ensino dos Estudos Literários, já que, enquanto obra voltada ao ensino e difusão dos estudos literários e à

cultura, a Historiografia Literária, de acordo com o Professor Acízelo, “fornece como que um mapa do tempo, sem o qual será impossível mover-se com um mínimo de proficiência no domínio dos estudos literários”<sup>5</sup>, pois, além de expor as expectativas e anseios de uma sociedade, enquanto “individuações descontínuas do processo cultural”, “uma das funções primordiais de uma história literária é atender ao público estudantil em suas necessidades didáticas”,<sup>6</sup> tomando a literatura como “fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade (...)”<sup>7</sup>.

Assim, a historiografia literária é compreendida como necessária para o ensino literário, enquanto obra educacional, de acordo com esta perspectiva, alimentada pela crítica (leituras críticas atentas) e teoria literárias (fundamentos epistemológicos conceituais), em relação à imprescindível leitura literária dos educandos. Afinal, a História da Literatura possui, nesta perspectiva contemporânea, como principal funcionalidade, no contexto brasileiro, o ensino e a difusão da cultura literária, no ambiente educacional e social brasileiro.

Por outro lado, a fim de evitar meras apologias, ressalta-se que a história da literatura perdeu muito reconhecimento e prestígio, na área dos estudos literários, ao longo destes dois últimos séculos:

Sabe-se que, no campo dos estudos literários, a história da literatura há muito perdeu o prestígio acadêmico de que desfrutou por tanto tempo - *grosso modo*, por todo o século XIX e até meados do XX -, a ponto de ser considerada por muito apenas uma “exigência caduca dos exames oficiais” (Jauss, 1994, p.5). Vários fatores convergiram para determinar tamanho descrédito, dos quais destacamos dois: a crise do nacionalismo, seu principal apoio ideológico; e a superação estética dos dois grandes estilos artísticos oitocentistas, o Romantismo e o Realismo, com os quais compartilhou a idéia de narrativa como figuração de enredos lineares, em que se concatenam com clareza o início, o meio e o fim. Minados assim esses fundamentos, a história da literatura começou a desmoronar, para a ascensão de sua rival novecentista, a teoria da literatura.<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> SOUZA, Roberto Acízelo de. *Introdução à Historiografia da Literatura Brasileira*. RJ: EdUERJ, 2007. p. 152-153.

<sup>6</sup> MALLARD, Letícia. “Nelson Werneck Sodré: a ruptura e o Reflexo”. In: MALLARD, Letícia *et alli*. *História da Literatura: ensaios*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1995. p. 66.

<sup>7</sup> CANDIDO, Antonio. “Direito à Literatura”. In: *Idem*. *Vários Escritos*. 3<sup>a</sup>. ed. (Revista e Ampliada). São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995. p. 243.

<sup>8</sup> SOUZA, Roberto Acízelo de. *Introdução à Historiografia da Literatura Brasileira*. RJ: EdUERJ, 2007. p.150.

Entretanto, embora haja estas considerações, no âmbito das academias educacionais, a historiografia literária permanece como apoio fundamental ao ensino de literatura brasileira (Estudos Literários), tornando-se imprescindível sua permanente revisão.

O ensino de literatura relaciona-se, oficialmente, com o processo de construção e difusão das identidades nacionais, na consolidação de seus Estados independentes e autônomos, no século XIX e, por conseguinte, no XX, modificando-se e adaptando-se a novos contextos sociais e educacionais. Deste modo, a configuração da literatura como disciplina educacional confunde-se com as diversas concepções do termo “literatura”, ao longo da historiografia literária, enquanto fundação da autonomia literária civilizada ou da consciência nacional e cultural. A fim de delimitar esta concepção, percebem-se as realidades e fatores contextuais, os momentos históricos e as instituições oficiais, que fazem com que obras, autores, países ou regiões recebam propositalmente o caráter de literário e representativo para a Nação. Desta forma, estas configurações históricas e políticas das obras estão além da “Literariedade” ou da percepção da ficção no “texto ficcional”, pois esta concepção (Literatura) é uma categoria, historicamente, elaborada e tomada “nas instituições acadêmicas” e na sociedade, no decorrer dos séculos. Como afirma o teórico Terry Eagleton,

Se é certo que muitas das obras estudadas como literatura nas instituições acadêmicas foram “construídas” para serem lidas como literatura, também é certo que muitas não o foram. Um segmento de texto pode começar sua existência como história ou filosofia, e depois passar a ser classificado como literatura; ou pode começar como literatura e passar a ser valorizado por seu significado arqueológico. Alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros tal condição é imposta.<sup>9</sup>

Percebe-se que, na virada do século XXI, nessas academias de ensino e pesquisa, não há mais as criações de grandes projetos de criações de histórias da literatura popularizados, que proponham narrativas amplas e inovadoras sobre a tradição da historiografia literária brasileira e o fenômeno literário-

---

<sup>9</sup> EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Tradução de W. Dutra. São Paulo: Martins Fontes. 1983. p. 09.

imaginário, (re)definindo o canône *nacionalista* e a concepção do Literário, enquanto “individuações, [que] podem exprimir tanto reflexos (espelhamentos) como variações, diferenças, distanciamentos, problematizações, rupturas e, no limite, negações das convenções dominantes no seu tempo”<sup>10</sup>. Desta maneira, no sistema de ensino brasileiro, continua-se a lecionar por intermédio das perspectivas tradicionais (p. ex: Romero – 1888; Veríssimo – 1916; Coutinho – 1955; Candido – 1959; Bosi – 1970; Castello - 1999), nas historiografias literárias brasileiras, como narrativas (necessárias) que concatenam e fornecem certa linearidade e continuidade do discurso historiográfico ao ensino didático para educandos, leitores de Literatura Nacional.

Reconhecer a falência e o fracasso da historiografia literária é um passo sem destino, nos estudos literários, pelo menos no caso do Sistema Brasileiro de Educação, que permanece lendo e utilizando estas narrativas historiográficas sobre a Literatura Brasileira, no processo ensino-aprendizagem. Como afirma o Professor Acízelo, com esta “propalada falência”, o ensino seria configurado, então, pela Teoria da Literatura:

Caso levemos ao pé de letra a propalada falência da história da literatura como disciplina, devemos, para sermos conseqüentes, eliminá-la do plano de estudos dos aspirantes a especialistas em literatura. Com isso, o acesso à literatura como objeto de reflexão e pesquisas se faria pela via única da teoria da literatura, concebida como construção conceitual alheia a qualquer referencial histórico.<sup>11</sup>

Em sua argumentação, Roberto Acízelo contrapõe as possibilidades do ensino de literatura, sendo uma possível educação ministrada por intermédio da disciplina Teoria Literária, como resultado do reconhecimento do fracasso da História da Literatura. Segundo o Professor, lecionar a literatura por meio da Teoria Literária seria:

Convenhamos que tal situação - se é que é possível imaginá-la, por tão absurda - seria naturalmente desastrosa, pois, salvo demonstração em contrário, não há como construir um entendimento

---

<sup>10</sup> BOSI, Alfredo. “Por um historicismo renovado. Reflexo e reflexão em história literária” In: *Idem. Literatura e resistência*. São Paulo: Cia das Letras, 2002. p.10.

<sup>11</sup> SOUZA, Roberto Acízelo de. *Introdução à Historiografia da Literatura Brasileira*. RJ: Eduerj, 2007. p.151.

do objeto cultural chamado literatura pelo caminho exclusivo da teoria, sem uma constante remissão à contínua reconfiguração desse objeto segundo o decurso do tempo, isto é, conforme o ritmo da história.

(...)

Assim, num livro de história da literatura, em vez dos raciocínios abstratizantes de um tratado de teoria, acompanhamos a movimentação de um enredo, no qual se vê um efeito semelhante ao de um romance: não faltam personagens - os autores e obras - nem conflito - a luta de uma cultura literária em busca de sua autenticidade nacional -, tudo isso narrado sob a forma de episódios - os períodos literários ou épocas -, configurando uma progressão em que há início, meio e fim, dos prenúncios da literatura de um país à consumação de seu destino.<sup>12</sup>

Após o reconhecimento da “propalada falência” da História da Literatura, e sua conseqüente exclusão dos currículos escolares e universitários oficiais, o processo de ensino dos estudos literários seria embasado então por intermédio da Teoria ou da Crítica Literária. Desta maneira, a educação configurar-se-ia de maneira fragmentária, sem um mapeamento literário no ensino, porque a Crítica, assim como a Teoria, naturalmente, debruça-se sobre as temáticas ou casos literários específicos e isolados, impossibilitando “mover-se com um mínimo de proficiência no domínio dos estudos literários”.

Ainda, recusando uma apologia ingênua, advertindo sobre a necessidade da historiografia literária para o ensino, Roberto Acízelo ressalta as deficiências naturais da disciplina História da Literatura, pois as “vulnerabilidades conceituais” são evidentes e permanentes. Conforme adverte:

Vulnerabilidades conceituais da disciplina: sua aceitação de uma noção sumária e grosseira de literatura, sua tendência para a linearidade evolucionista, sua propensão para o nacionalismo exclusivista e acrítico, sua predisposição para conceber as circunstâncias do contexto - físico-geográficas, étnicas, históricas, culturais, sociais, econômicas - como fatores determinantes da produção literária etc.<sup>13</sup>

Entretanto, mesmo reconhecendo as suas “vulnerabilidades conceituais” e “limitações”, a História da Literatura, enquanto obra voltada ao ensino e difusão da cultura literária, “fornece como que um mapa do tempo, sem o qual será impossível mover-se com um mínimo de proficiência no domínio dos

---

<sup>12</sup> *Ibidem*. p. 151.

<sup>13</sup> *Ibidem*. p. 153.

estudos literários”<sup>14</sup>. Desta forma, percebendo as “vulnerabilidades”, mas reconhecendo sua função educacional imprescindível, a História da Literatura possui, como afirma Letícia Mallard, “uma das funções primordiais de uma história literária é atender ao público estudantil em suas necessidades didáticas, na condição de fonte informativa e consultiva (...)”.<sup>15</sup>

Nesta tarefa educacional, sendo lecionada e difundida, inicialmente, por uma mescla entre História e Crítica Literárias, amparada nas discussões da Teoria Literária, a literatura é por natureza *humanizadora*, logo fornece a fruição, mas também promove a *inquietação* do espírito, escapando ao modelo *edificador e formador* tradicional pedagógico. Não há, portanto, no processo de ensino dos estudos literários, uma literatura “edificadora” do homem social (uma educação moral e cívica), pois, segundo Antonio Candido, há a “necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade”, mas também combater as opressões e se empenhar, numa literatura e numa sociedade, que promovam o exercício da reflexão ao conhecimento e ao prazer estético, a *contradição na aventura do espírito*. Esta leitura ou literatura *humanizadora*, um “Direito à Literatura”, deve ser compreendida como um “processo” de criação e incentivo de leitores - educandos, percebido como um caminho iniciado e trilhado pelas Histórias da Literatura Brasileira. Este processo, segundo Antonio Candido,

confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.<sup>16</sup>

Ainda, conforme o Prof. Afrânio Coutinho, uma vez que a “história da literatura é uma tarefa sempre em andamento, cabendo a cada geração refazê-

---

<sup>14</sup> *Ibidem*. p. 152-153.

<sup>15</sup> MALLARD, Letícia. “Nelson Werneck Sodré: a ruptura e o Reflexo”. In: MALLARD, Letícia *et alli*. *História da Literatura*: ensaios. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1995. p. 66.

<sup>16</sup> CANDIDO, Antonio. “Direito   Literatura” In: *Idem*. *Vários Escritos*. 3<sup>a</sup>. ed. (Revista e Ampliada). São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995. p. 249.

la e completá-la”<sup>17</sup> e retomada como construção renovada e *educacional*, valorizando a promoção e difusão da *leitura literária*, da fruição estética e do conhecimento humanístico. Sendo assim, a Historiografia da Literatura, enquanto obra educacional inserida no universo do processo ensino-aprendizagem, deve ser reconhecida, no século XXI, como meio pedagógico-didático cultural existente para a apresentação dos fenômenos estéticos e execução deste ensino literário *humanizador*, no Sistema Educacional Brasileiro.

Assim, caro (a) leitor (a), admitindo a importância e funcionalidade educacionais da Historiografia Literária à formação de leitores e educadores, quais serão os critérios pedagógicos educacionais adequados particulares, que deverão nortear as futuras construções e configurações de Historiografias Literárias, uma vez que devemos tomá-las, efetiva e especificamente, a partir de suas funcionalidades pedagógicas e educacionais?

---

<sup>17</sup> COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S.A., 1955. p. 85.